

bernardo santareno

OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO

teatro

RESTOS • A CONFISSÃO • MONSANTO
VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS



ÁTICA

BERNARDO SANTARENO



OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO

RESTOS

A CONFISSÃO

MONSANTO

VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS

TEATRO

EDIÇÕES ATICA

LISBOA

A capa é da autoria de

MANUEL DIAS



© ÁTICA, S. A. R. L., Lisboa

Direitos reservados para todos os países, de reprodução
no todo ou em parte, nos termos da legislação em vigor

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Tipografia
Macarlo, Lda. - R. Jorge Afonso, 10-A - Tel. 76 54 00 - 1600 - Lisboa

Acabou de imprimir-se em Março de 1979

MONSANTO

PERSONAGENS:

SR. SILVA

ZÉ GRILO

AMÉLIA

CENÁRIO:

Uma árvore, um candeeiro de iluminação pública e uma placa de sinalização onde se lê: «PARQUE DE MONSANTO». É noite. Luz do candeeiro.

Entra o Sr. Silva. Traz uma mala, pequena, de viagem. Observa o local. Passos indecisos, expressão grotesca de menino-velho assustado. Olha fixamente para a árvore. Procura ver e ouvir para lá da zona iluminada. Silêncio. Poisa a mala junto da árvore. Tira o lenço e limpa o suor angustiado da fronte e da careca. Vai sentar-se em cima da mala, mas desequilibra-se e cai. Fica sentado no chão, aflito, com as pernas abertas e os braços cruzados diante do rosto em atitude de defesa. Acentua-se o ridículo da personagem. Descruza os braços e deixa-os cair abandonados. Faz «beicinho», num jeito infantil de chorar. Contempla outra vez a copa da árvore. Suspira. Levanta-se desastradamente e põe-se de joelhos. Olha em redor, hesita. Decide-se e abre a mala. Tira uma

corda longa e experimenta a resistência da cabeçada já feita numa das pontas. Ensaia, vê se a cabeça passa no nó aberto. Com a corda no pescoço, tenta compor a expressão de «mártir»: Tristeza de palhaço engraçado. Levanta-se, tira a corda do pescoço e lança a outra ponta sobre um ramo da árvore. Calcula a altura, faz uma laçada. Fecha a mala e torna a equilibrar-se em cima dela. Põe a cabeça dentro do nó. Vai enforçar-se. Cada vez mais aflito, chora alto e sufocadamente como um menino.

ZÉ GRILO

(no escuro, invisível ainda)

Vai, ou não vai?

(O Sr. Silva fica transido, protegendo-se com ambas as mãos agarradas à corda. Aparece Zé Grilo: Meio vagabundo, meio operário das obras, meio chulo velho.) Deixe-se de fitas. Saia daí! *(O Sr. Silva faz que não com a cabeça, sempre protegendo-se com ambas as mãos enclavinadas na corda.)* Então enforque-se: Eu respeito. *(Uns passos na direcção do Sr. Silva.)* Vá, homem, coragem! *(Riso escarninho:)* Ó vais...! Pra que diabo é isso?! Ele há cada gajo!... Pronto, acabou a fantochada! *(Está agora junto do Sr. Silva.)* Homem, tire essa corda do pescoço! *(Agarra-o. O Sr. Silva desequilibra-se, a mala tomba.)*

SR. SILVA

(em pânico)

Ai, Jesus!... Salve-me! Socorro!...

ZÉ GRILO

(que pegou no Sr. Silva ao colo)

Não tenha medo, homem! Está fixe. Cale-se, porra!
Que raio de tipo este...

SR. SILVA

(depois de tirar a corda do pescoço, esbracejando)

Deixem-me morrer! Não posso mais! Quero morrer!...

ZÉ GRILO

Pois. Também eu queria um bom bife com batatas fritas. Esteja quieto, merda, acabe com isso! E eu com este nabo ao colo... Ainda se fosse uma gaja boa...?!
(Põe o Sr. Silva no chão.)

SR. SILVA

*(deixa-se escorregar para o chão, encostado à árvore.
Limpendo a careca e as faces com o lenço)*

Não aguento... Não posso mais com isto...! Sou um desgraçado, um...

ZÉ GRILO

(acendendo um cigarro)

Tudo tem remédio.

SR. SILVA

Não aguento mais...